

Voto útil no Brasil é arma de dois gumes

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

Não se sabe quem lançou a idéia do voto útil e ele nem é definido pelos dicionários de política. Na prática, é uma tentativa de última hora de transferir a votação de um candidato fraco para outro forte. Mas também pode ser manobra inversa, isto é, tirar votos de um candidato forte lançando um nome fraco para concorrer na mesma faixa do eleitorado.

Há numerosos casos de voto útil na história das eleições brasileiras, tanto de nível nacional quanto estadual ou municipal. Muitas já ficaram esquecidas na passagem do tempo, mas outras serão sempre lembradas quando o assunto vem à tona — como novamente agora, na reta final da campanha presidencial de 1989.

CRISTIANIZAR

O caso nacional mais notório e nunca esquecido de voto útil ocorreu na eleição presidencial de 1950. O Partido Social Democrático (PSD), então o maior do País, escolheu para seu candidato à sucessão do presidente Eurico Gaspar Dutra o deputado federal mineiro Cristiano Machado. O Partido Republicano (PR), de Artur Bernardes, aliou-se ao PSD e deu o nome do candidato a vice, Altino Arantes.

Por sua vez, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que era o mais popular da época, foi buscar no seu retiro gaúcho o ex-presidente Getúlio Vargas para novamente concorrer à Presidência. Ele aceitou. O candidato a vice era um político do Rio Grande do Norte, Café Filho. Por último, a União Democrática Nacional (UDN), maior força de oposição, voltou a insistir no nome do brigadeiro Eduardo Gomes, que concorrera em 1945 e perdera para Dutra.

Postas as candidaturas na rua, os militantes e a massa de eleitores do velho PSD abandonaram a candidatura Machado e descarregaram os votos em Vargas, que acabou eleito com 48,7 por cento da votação. O brigadeiro ficou em segundo, com 29,6 por cento e Cristiano Machado teve de amargar um terceiro lugar, com 21,5 por cento, inclusive em seu estado natal, Minas Gerais, na época a maior base eleitoral do PSD. Daí nasceu o verbo **cristianizar** um candidato, isto é, dar o voto útil a outro, com maiores chances de vencer.

CASOS CÉLEBRES

Outros casos notórios de voto útil:

Em 1960, a esquerda, liderada pelo PTB, tinha tudo para ganhar a primeira eleição de governador do novo Estado da Guanabara, criado com a transferência da capital para Brasília. Seu candidato era o deputado Sérgio Magalhães. As forças de centro e direita concorriam com Carlos Lacerda, da UDN. Foi aí que os udenistas tiveram a idéia de fazer um voto útil às avessas,

lançando a candidatura de Tenório Cavalcanti, um populista que dominava a Baixada Fluminense e editava o jornal sensacionalista **Luta Democrática**.

Tenório, como Lacerda esperava, roubou votos da periferia do Rio. No final, Lacerda ganhou com 35 por cento dos votos cariocas. Na contagem final, superou Sérgio Magalhães por apenas 24 mil votos.

No mesmo ano, em Minas, Tancredo Neves lançava-se candidato ao Governo de Minas, pela coligação PSD-PTB. Era o favorito disparado. Seu concorrente, o matreiro Magalhães Pinto, da UDN, facilitou, também, uma discreta manobra divisionista, um voto útil às avessas, estimulando a candidatura de Ribeiro Pena, pelo PR. Resultado: Magalhães ganhou e Tancredo amargou uma derrota inesperada.

Em 1962, em São Paulo, eram candidatos o ex-secretário de Agricultura do governador Carvalho Pinto, José Bonifácio Coutinho Nogueira, apoiado por uma coligação quilométrica: UDN-PR-PDC-PTB-PRP. Apesar da popularidade do governador, seu candidato — apelidado de **Zé Bonitinho** — não empolgava eleitorado que temia a volta de outro candidato naquela sucessão, o imprevisível Jânio Quadros, que havia renunciado à Presidência da República no ano anterior. Para derrotar Jânio, o paulista adotou o voto útil em Ademar de Barros, do PSP, que foi o vencedor.

Na Prefeitura de São Paulo, em 1985, tudo favorecia Fernando Henrique Cardoso, do PMDB. A divisão das forças de esquerda, representada pela candidatura de Eduardo Matarazzo Suplicy, do PT, outro caso de voto útil às avessas, deu a vitória a Jânio Quadros.

Ainda em São Paulo, no pleito de 1988, a coisa funcionou ao contrário: o voto útil saiu de João Leiva, do PMDB e de Aírton Soares, do PDT, para as urnas de Luiza Erundina, do PT, que então estava em segundo lugar nas prévias eleitorais, atrás de Paulo Maluf, do PDS.

Por último, é interessante recordar que o próprio presidente José Sarney foi beneficiado, de certa forma, do voto útil em outubro de 1965, quando concorreu ao Governo do Maranhão, em eleição direta. Seu principal adversário — o velho PSD — estava dividido: o candidato Antônio Eusébio, do PDC, tinha o apoio do governador Newton Bello, que era pessedista; mas o verdadeiro cacique do partido no Estado, Vitorino Freire, apoiava Renato Archer. O movimento do voto útil para Sarney foi quase incontrolável e ele ganhou a eleição com o dobro de votos de Eusébio, enquanto Archer ficou com apenas um quarto da votação.

Fluido e quase sem controle, o voto útil, no fundo, é arma de dois gumes, pois não é sempre que se pode calcular antecipadamente, e com segurança, o ruído que ele vai tomar dentro das urnas.